

## TRANSFORMAÇÕES NO SISTEMA TÁTICO DE ATAQUE DO VOLEIBOL

*TRANSFORMATIONS IN THE VOLLEYBALL OFFENSE SYSTEM*

Mariana Vancelotte Almeida Cochrane<sup>1</sup>  
Guilherme Locks Guimarães<sup>2</sup>  
Guilherme Borges Pacheco Pereira<sup>3</sup>  
Ludmila Mourão<sup>4</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente estudo foi identificar as razões para as transformações dos sistemas táticos de ataque do voleibol. Não encontramos na revisão da literatura específica informações para esclarecer a questão. Para elucidar esta questão recorreremos a uma entrevista de elite. O entrevistado foi o prof. Paulo Emanuel da Hora Matta, que participa do voleibol exercendo várias funções há mais de cinquenta anos. Foram identificadas duas razões: a primeira é o aumento do número de atacantes na equipe, a segunda é a necessidade de se adaptar o sistema de ataque às limitações e potencialidades oferecidas pelos integrantes da equipe.

**Palavras chaves:** Paulo Matta, evolução, adaptação.

### ABSTRACT

The aim of this exploration type research was to identify the reasons for the transformation of tactical volleyball offense system. We could not find in the specific literature review information to clarify the question. To elucidate this question we used an elite interview. The respondent was the prof. Paulo Emanuel da Hora Matta, who participates in volleyball for over fifty years in various roles. Two reasons was identified: first, increasing the number of attackers in the team, the second, the need to adapt the offense system the constraints and possibilities offered by team members

**Keywords:** Paulo Matta, evolution, adaptation

### INTRODUÇÃO

No Brasil, a despeito da monocultura do futebol, o voleibol tem se destacado de maneira muito significativa no ambiente esportivo. Sem dúvida é um esporte de sucesso técnico e de adesão do público. É notório que este esporte foi um dos que mais evoluiu nos últimos anos. Isto se deve a uma gama de fatores que compreendem desde alterações nas regras até a planificação e ações desenvolvidas no processo de recrutamento e treinamento de atletas e o investimento nos meios midiáticos, reforçando o voleibol como espetáculo.

---

<sup>1</sup>Escola de Vôlei Set Point e Projeto social Esporte em Ação do Instituto Compartilhar

<sup>2</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Gama Filho (UGF)

<sup>3</sup>Universidade Gama Filho (UGF)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Ao olhar retrospectivamente a história do voleibol, na dimensão tática, observamos que os sistemas de ataque deste esporte apresentaram modificações ao longo do tempo<sup>1,2,3</sup>, contudo, não se explicam as motivações que geraram estas. Sendo assim, o problema do presente estudo é saber o que provocou essas transformações.

O objetivo do estudo é, portanto, identificar as razões para as transformações nos vários sistemas de ataque do voleibol ao longo na última metade do século XX.

Como questões de estudo, listamos as seguintes:

- a) Como eram os sistemas de ataque à época o 1º Campeonato Mundial de Voleibol?
- b) Quais as transformações identificadas nos sistemas de ataque após este campeonato até os dias atuais?

## REFERENCIAIS TEÓRICOS

Entendemos que para melhor situar a questão de nossa pesquisa é necessário um breve relato da história da transformação do jogo esportivo voleibol em esporte de rendimento.

O voleibol foi criado em 1895 pelo americano William Morgan, então diretor de educação física da Associação Cristã de Moços (ACM) na cidade de Holyoke em Massachusetts, nos Estados Unidos. Naquela época o jogo esportivo mais popular era o basquete, criado apenas quatro anos antes. Porém, dado a sua dinâmica este era muito cansativo para os praticantes mais idosos<sup>4</sup>.

Deste modo, Morgan idealizou um jogo esportivo que fosse menos fatigante e sem contato físico entre os adversários para minimizar os riscos de lesões. Para evitar a interpenetração das equipes colocou no meio da quadra uma rede semelhante à de tênis com a altura de 1,98 metros, sobre a qual uma câmara de bola de basquete era tocada, surgindo assim o jogo de voleibol, que teve como primeiro nome *mintonette*. Um ano mais tarde, em 1896, o Dr. A.T. Halstead sugeriu que o seu nome fosse trocado para voleibol, tendo em vista que a idéia básica do jogo era jogar a bola de um lado para outro, por sobre uma rede, com as mãos. Com o decorrer dos anos esse esporte foi conquistando seu espaço e ganhando novos adeptos no cenário mundial<sup>5</sup>.

Esta expansão levou a fundação da Federação Internacional de Voleibol (FIVB), em 1947. Dois anos mais tarde foi realizado o primeiro “Campeonato Mundial de Voleibol” da modalidade masculino. E em 1952, o evento foi estendido também ao voleibol feminino. No ano de 1964 o voleibol passou a fazer parte do programa dos Jogos Olímpicos<sup>4</sup>.

Apresentamos este relato para justificar a afirmação de que houve a universalização e a transformação do jogo esportivo voleibol em esporte de rendimento, fato que pensamos comprovado pela criação de uma federação internacional e a disputa de um campeonato mundial. Recordo que a questão da nossa pesquisa não é contar a história do voleibol, já publicada de modo competente

em vários estudos. Mas, tentar elucidar como aconteceram as transformações dos sistemas de ataque deste esporte. Com este intuito reportamos alguns fatos que deram as bases para a construção destes.

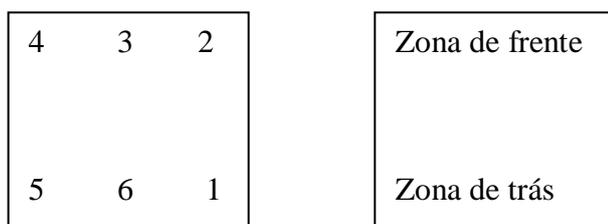
A partir de 1912, foi introduzida na regra do voleibol a rotação dos jogadores em todas as posições que compõem a quadra deste esporte. Em 1918 foi dada a configuração, que perdura até hoje, em relação ao número de jogadores de cada equipe que devem estar em quadra para que se realize uma partida, seis<sup>6</sup>. Em nosso entendimento estas duas regulamentações deram início aos sistemas táticos de ataque e recepção que são empregados no voleibol atual.

Em relação à primeira modificação, Moutinho<sup>7</sup> pontua que a obrigatoriedade de passar por todas as posições do campo é uma das especificidades do voleibol, já que existem restrições regulamentares que condicionam o posicionamento da equipe, isto provoca a necessidade de especializar os jogadores tanto na função de defensores como na de atacantes.

As restrições acenadas, anteriormente, estão na regra oficial do voleibol<sup>8</sup> válida para o período 2009/2011, ao dispor no capítulo III, item 7.4, que no momento no qual o saque é executado, os jogadores em quadra devem estar nas posições por ela determinadas. Como podemos perceber pela leitura de Mihailescu<sup>9</sup> e de Borroto et. al.<sup>6</sup> esta determinação faz parte das regras do desporto há muitos anos, já que, só em 1952 se permite a troca de posições entre os jogadores, após a realização do saque.

Assim, com intuito de esclarecer aos não iniciados em voleibol, apresentamos a numeração e a divisão das zonas da quadra, que têm como finalidade orientar os atletas e árbitros dentro desta. Este conhecimento é necessário, já que, de acordo com a regra oficial deste esporte entre outras coisas, por exemplo, um jogador da zona de trás pode completar um ataque na zona de frente, porém, no seu impulso, o(s) pé(s) do jogador não deve(m) ter tocado ou ultrapassado a linha de ataque<sup>8</sup>.

**Diagrama 1: posição dos jogadores e zonas da quadra de voleibol**



A segunda modificação apontada, a fixação do número de seis jogadores por equipe durante a partida obrigou os treinadores a organizar a disposição destes na quadra, gerando, deste modo os sistemas táticos que hoje conhecemos. Apesar de este estudo ter como foco os sistemas de ataque, pensamos ser importante esclarecer que este é superposto ao sistema de recepção de saque, isto quer dizer que não existem de forma isolada, são inter-relacionados. A este conjunto dá-se o nome de complexo I<sup>6</sup>, *side out* ou de transição da recepção para o ataque, que é composto pelas seguintes técnicas motoras: recepção de saque, levantamento e ataque.

A recepção de saque, é o primeiro contato bola por parte do time que não está sacando e consiste em tentativa de evitar que a bola toque a sua quadra, o que permitiria que o adversário marcasse um ponto<sup>10</sup>. Além disso, o principal objetivo desta técnica motora é controlar a bola de forma a fazê-la chegar em boas condições nas mãos do levantador, para que este seja capaz de preparar uma jogada ofensiva. Esta técnica é, predominantemente, realizada através da habilidade motora manchete, em que o jogador empurra a bola com a parte interna dos membros superiores estendidos, e o toque, em que a bola é manipulada com as falanges distais dos dedos das mãos acima da cabeça.

Já, o levantamento é, geralmente, o segundo contado com a bola de uma equipe. Tem como principal objetivo posicionar a bola de forma que um outro jogador possa vir para fazer o ataque para o outro lado da quadra<sup>10</sup>. O levantamento pode ser feito de toque ou de manchete. Para que ele seja feito com mais precisão o toque é a melhor opção.

O ataque é mais eficiente se realizado através da habilidade motora cortada, que consiste em golpear a bola, durante um salto vertical, com um dos membros superiores estendido em direção ao campo adversário<sup>11</sup>. O êxito ou o fracasso do ataque é decisivo para a efetividade de toda a série de ações que compõem o complexo I<sup>12</sup>.

Para Zhelezniak<sup>1</sup>, os sistemas táticos de ataque têm como fundamento a posição dos levantadores, assim, foram denominados entre outras formas como: 3 x 3; 6 x 6; 4 x 2 e 5 x 1<sup>13</sup>, os primeiros números designam o número de atacantes e os segundos os levantadores. Atualmente, o sistema 4 x 2 quando é realizado com infiltração dos levantadores é denominado, também, 6 x 2.

Cumprir chamar a atenção para o sistema 5 x 1, o único dos citados no qual existe somente um levantador, que, em geral, inicia o jogo na zona de trás. Ao chegar na zona de frente, o levantador faz que este sistema tenha as mesmas características do 4 x 2, isto é ter um levantador sempre posicionado na linha de frente.

## **METODOLOGIA**

### ***Tipo de pesquisa***

Esta pesquisa foi conduzida como um modelo de estudo exploratório, pois, estes, se efetuam, normalmente, quando o objetivo é examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não tenha sido abordado antes, como o problema que se aponta<sup>14</sup>.

Deste modo, por não termos encontrado na literatura estudada referências que pudessem esclarecer a questão desta pesquisa, resolvemos, após, algumas conversas com adeptos do voleibol, procurar as pessoas que poderiam nos auxiliar na condução deste processo.

Assim procedemos por que segundo Febvre citado por Freitas<sup>15</sup> a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela deve fazer-se sem documentos escritos, se não os houver. E para Queiroz citada pela mesma

autora<sup>15</sup> as histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros.

Assim, através de uma entrevista visamos colher o depoimento, que, segundo Santos<sup>16</sup>, é uma técnica utilizada para a obtenção de declarações de um sujeito sobre algum acontecimento do qual ele tenha tomado parte, ou que ele tenha testemunhado. Então, para a coleta de dados, empregamos como instrumento da pesquisa a entrevista de elite.

### **Caracterização do sujeito**

O corte cronológico do estudo, já citado na introdução, toma como ponto de partida a época do 1º Campeonato Mundial Masculino de Voleibol em 1949, assim como a criação da FIVB dois anos antes, em virtude de entender-se que nesta época marca-se o início da universalização deste esporte.

Assim, os critérios de inclusão para a seleção do sujeito do estudo foram os seguintes: longevidade no voleibol, ter mais de 50 anos neste ambiente como jogador, técnico desportivo ou professor deste esporte em curso de graduação em Educação Física. Identificamos cinco pessoas que se encontravam dentro dos critérios de inclusão e escolhemos o professor Paulo Emanuel da Hora Matta (Paulo Matta) nascido em 16 de março de 1933.

Paulo Matta conta-nos que a sua relação com o voleibol iniciou-se em 1952: *eu aprendi voleibol de uma maneira bem diferente, eu aprendi por teimosia. Fui autodidata em voleibol, vivia na Bahia e fui tentar treinar no clube do Vitória, o mesmo que tem o time de futebol, e lá o técnico olhou pra mim e mandou-me tentar bola de gude que talvez seria o meu esporte e aquilo bateu muito forte em mim, eu era garoto e achei que ele tinha que ter uma resposta e a partir daí fui procurar e arrumei um livro na época do Adolfo Guilherme de voleibol, com esse livro, uma bola e o meu quarto eu treinava voleibol.*

Assim, com apenas um livro<sup>17</sup> e uma bola ele começou a estudar e a praticar esta atividade. Disse, ainda, que “algumas vezes ia até as quadra de voleibol e perguntava aos atletas como e porque eles faziam aqueles movimentos”.

Algum tempo, depois, ao jogar no time da escola, Paulo Matta foi convocado pelo mesmo técnico que não o quis anteriormente em seu time para participar da seleção baiana. Nesta época ele já treinava as equipes do colégio onde estudava. E, pouco, depois, começou a treinar a equipe feminina do Esporte Clube Vitória, que era composta pelas alunas da escola.

Participou como técnico no Campeonato Nacional do Quarto Centenário de São Paulo (1954) e decidiu que deveria seguir a carreira de Professor de Educação Física. Assim, quando voltou para Bahia se candidatou a uma bolsa de estudos da Escola Nacional de Educação Física e Desporto da Universidade do Brasil, que nos dias atuais é a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro, onde reside até hoje.

Iniciou a sua carreira de treinador no Rio de Janeiro, no Centro Israelita Brasileiro (CIB). A partir daí, trabalhou em praticamente todos os clubes do voleibol carioca, Bangu, América, CIB, Hebraica, AABB, Botafogo, Fluminense, Tijuca e Flamengo por onde passou várias vezes e é o seu time do coração.

Além de treinador dos clubes cariocas, foi supervisor das seleções brasileiras femininas e masculinas no “Campeonato Mundial” realizado no Brasil em 1960. Depois participou como treinador de quatro sulamericanos, Panamericano em Cali (1971), Jogos Olímpicos no México (1968) e Universíade na Bulgária (1977). E isso tudo sem nenhum tipo de auxílio, como explica Paulo: *eu era técnico, médico, massagista, roupeiro, chefe de delegação e delegado, houve instante que eu tive que entrar na quadra para completar número, também tinha que jogar porque não tinha número de convocados suficiente. Ninguém ganhava um tostão, tudo era amor ao Voleibol.*

Paulo Matta, também, foi professor dos Cursos de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) de 1972 até 1979 e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) durante 18 anos (1980/1998).

Como professor da UFRJ, Paulo Matta organizou e dirigiu a primeira aplicação de um *scout* em partidas de voleibol no Brasil. Isto ocorreu em 1971, no Campeonato Brasileiro de Voleibol Infanto-juvenil realizado no Tijuca Tênis Clube. Este trabalho de coleta de dados foi feito por alunos do curso de Educação Física daquela universidade. Importante enfatizar que este era totalmente feito de forma manual em folhas de papel e entregue aos técnicos das equipes no mesmo dia.

### **Procedimentos**

Assim situado o nosso informante no ambiente do voleibol, relatamos os procedimentos para o registro da entrevista. Para marcá-la, foi feito um contato telefônico para saber se ele estaria disponível para falar sobre o assunto do estudo. Diante da resposta positiva, os dados foram coletados na residência do professor Paulo Matta em data e hora designadas por este. Antes de iniciá-la, foi permitida a leitura das perguntas para esclarecimento dos termos contidos nas mesmas. A entrevista foi registrada no gravador de voz de um aparelho do tipo MP4 Digital Player de 2 Giga Bytes memória, da marca Logic.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA**

O professor Paulo Matta ao relatar momentos de sua carreira neste esporte nos esclareceu a respeito da questão que deu motivo a este estudo, saber o que provocou as transformações dos sistemas táticos de ataque do voleibol.

A fala de Paulo Matta nos faz entender que ele vivenciou diversos processos no voleibol, como por exemplo: *quando eu comecei no voleibol eram 3 cortadores e 3 levantadores; eram correspondentes, eram casais; cada levantador só podia levantar para o seu cortador. Quando chegamos à década de 60, isso já não bastava. Ficava pouco ataque, porque você só tinha um atacante e se precisava de mais, principalmente para os brasileiros que adoram atacar, então se aumentou o número de atacantes para quatro, em um sistema 4x2. Os levantadores faziam troca de posição na rede sem infiltração. Era o 4x2 simples: o levantador entrava na rede e fazia as trocas da entrada e da saída da rede, fazendo os levantamentos para as pontas.*

Por estas palavras, Paulo indica que existiu um processo evolutivo, isto fica claro quando diz que o sistema 3x3 propiciava poucas possibilidades de ataque e isto levou os treinadores a optarem por outro denominado 4x2 simples, que

aumentava o número de atacantes. Pouco tempo depois, em época não precisada por este estudo, este sistema se modificou e os levantadores passaram a jogar na posição 2, o que gerou atacantes especialistas no meio e na entrada de rede, respectivamente nas posições 3 e 4.

Esta busca para aumentar o número de atacantes é justificada por Fröhner (sd), para quem o êxito ou o fracasso do ataque é decisivo para a efetividade de toda a série de ações que compõem o complexo I. Ou por outras palavras de Paulo Matta: *o melhor proveito é com quanto mais jogadores, você consegue atacar, tanto que hoje o Brasil ganha com esse ataque de fundo.*

A sequência do depoimento de Paulo demonstra mais, ainda, a existência de um processo evolutivo na construção dos sistemas de ataque: *depois do 4x2 simples passou-se a colocar levantadores com condição de ataque, infiltrando da defesa, o que se chamou de 4x2 com infiltração.*

Ou, ainda para reforçar a questão do número de atacantes: *o Japão, por exemplo, fez o 5x1 e dominou o final da década de 70 porque tinha um levantador excepcional.*

O nosso entrevistado fala, também, da evolução do sistema 5x1, ressaltando o ataque realizado da zona de trás e credita à eficiência do uso desta técnica motora como a razão principal da hegemonia da seleção brasileira masculina no cenário mundial do voleibol. De modo bem-humorado Paulo Matta, assim explica: *o Brasil ganha com esse ataque de fundo. Esse ataque de fundo do Brasil já era feito pela Hungria em 1970, por um atleta.[...] E aí essa bola passou a ser feita no Brasil, só que como nós sempre fomos exagerados, enquanto as outras equipes preparavam um, nós preparamos todos.*

O entrevistado apontou para o aumento do número de atacantes como razão importante para as transformações dos sistemas táticos de ataque no voleibol.

Ao ser perguntado se as mudanças poderiam ter ocorrido, casualmente, por necessidade do treinador diante do seu elenco de atletas, Paulo Matta disse que em determinadas situações isto pode ter acontecido. *É interessante o seu questionamento se as mudanças ocorreram por necessidade. Assim, por exemplo, não tínhamos jogadores de voleibol altos, tanto que para as olimpíadas de 68 eu tive de preparar o Memeco, um jogador de basquete, para a seleção de voleibol. Como havia poucos atletas de estatura elevada, os que apareciam eram fracos de defesa e de recepção. O Roque, por exemplo, inventou uma manchete que ele chamava de “boca de jacaré”, uma mão fechada e a outra aberta uma em cima da outra. E o pior (sic) de tudo era que ele defendia. Então havia necessidade de misturar. E eu criei uma formação com dois triângulos e botava como se fosse o 3x3 antigo, 3 jogadores mais baixos, mas que eram bons na defesa e no passe para proteger os outros três, cobrindo o espaço na defesa. Coloquei então Feitosa, Luiz Eymard e Mário Marcos como levantadores, e então tinha o pessoal alto, como o Moreno, para atacar. Então neste caso específico foi necessidade.*

Ao falar sobre o primeiro sistema de ataque que vivenciou, o 3X3, nosso entrevistado enfatizou que haviam casais formados por levantador e atacante. No caso relatado a configuração se deu pela necessidade de aumentar a estatura da equipe para atacar e bloquear sem que esta tivesse diminuída a sua capacidade de recepcionar o saque e defender.

## **CONCLUSÕES PROVISÓRIAS**

O que se pode depreender da fala do prof. Paulo Matta é que são duas as idéias principais que parecem justificar as transformações táticas nos sistemas de

ataque do voleibol. A primeira idéia é o aumento do número de atacantes na equipe, já que, a vitória em uma partida de voleibol, depende da eficiência do ataque à distância. Isto é ocasionado pela intervenção espacial do atleta neste esporte, que ao contrário de outros jogos esportivos coletivos, não pode invadir e disputar a bola no campo do adversário<sup>18</sup>. Outro aspecto importante que argumenta a favor do aumento do número de atacantes é, que no voleibol, pelo fato do jogador não deter a bola em sua posse, e por existir o limite de três toques, as jogadas de ataque devem possuir alternativas para o levantador, e quanto maior o número de jogadores em condições de atacar, maiores as possibilidades de sucesso.

A segunda idéia é a necessidade de se adaptar o sistema de ataque às limitações e potencialidades oferecidas pelos integrantes da equipe, o que pode ocasionar o emprego de situações táticas que parecem superadas. Neste ponto o voleibol não parecer ser diferente de outros esportes coletivos, onde a qualidade técnica pode determinar, ou determina o modo de jogar.

Ao terminar este relatório, ficou-nos a percepção de que conseguimos levantar aspectos pouco conhecidos do tema tratado, porém temos claro que este é o depoimento de uma das pessoas que construiu com seu trabalho e dedicação o percurso do voleibol brasileiro. Assim, esperamos que este texto sirva de motivação para estudos mais aprofundados que possam complementar o presente estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Zhelezniak YD. Voleibol. Barcelona: Editorial Paidotribo; sd.
2. Pimentel R A. Evolução tática no voleibol II; Disponível em <<http://www.procrie.com.br/2010/02/11/evolucao-tatica-no-voleibol-ii-494>> [2010/08/07].
3. Ugrinowitsch C, Uehara P. Modalidades esportivas coletivas: o voleibol. In: De Rose Jr. D. Modalidades Esportivas Coletivas. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan; 2006. p. 166-179.
4. Guimarães, GL, Matta PEH. Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. Revista de Educação Física, 2004; 128: p. 79-88. Disponível em <<http://revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/2004/histdovoleibol.pdf> > [2010/07/29].
5. Confederação Brasileira de Voleibol; Disponível em <http://www.cbv.com.br/cbv2008/institucional/histvolei.asp> [2010/07/23].
6. Borroto DE, Ramos JL, Herrera GD, Bernal HD. Voleibol I. La Habana: Pueblo y Educacion; 1992.
7. Moutinho CA. A estrutura funcional do voleibol. In Graça A, Oliveira J. editores. O ensino dos Jogos desportivos (3 ed). FCDEF: Universidade do Porto; 1998. p. 137-152.
8. Confederação Brasileira de Voleibol. Disponível em <<http://www.cbv.com.br/cbv2008/institucional/arbitragem.asp>> [2010/07/23].
9. Mihailescu S. Voleibol. Madrid: Federación Española de voleibol; 1972.
10. Schutz RW, Eom HJ. Statistical analyses of volleyball team performance. Research Quarterly for Exercise and Sport. 1992, 63 (1), p. 11-18.
11. Ivoilov AV. Voleibol: técnica, tática y entrenamiento. Buenos Aires: Editorial Stadium; 1986.
12. Fröhner B. Voleibol: Juegos para el entrenamiento. Buenos Aires: Editorial Stadium, s.d.
13. Barros JA. disponível em <<http://www.justvolleyball.com.br/menuestrategiatatica.htm>> [2010/07/23].

14. Sampieri RH, Collado CF, Lucio PB. Metodologia de la investigación 2ª ed. México: McGraw-Hill; 1998.
15. Freitas SM. História oral: procedimentos e possibilidades. São Paulo: Editora Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado; 2002
16. Santos ACdeA. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. Acessado em <<http://www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>> [2010/07/30].
17. Guilherme, Adolfo. Voleibol a beira da quadra. São Paulo: Editora Brasipal Ltda., sd
18. Mesquita I. O ensino do voleibol: proposta metodológica. In Graça A, Oliveira, J. editores. O ensino dos Jogos desportivos 3ª ed. FCDEF: Universidade do Porto; 1998, p. 153-199.

**Notas a respeito dos autores:**

Guilherme Borges Pacheco Pereira: O autor quer ser citado como, PACHECO PEREIRA, Guilherme Borges ou PACHECO PEREIRA, G.B.

Mariana Vancelotte Almeida Cochrane. A autora quer ser citada como VANCELOTTE, Mariana Almeida Cochrane ou VANCELOTTE, M.A.C.

**Autor correspondente:**

**Guilherme Locks Guimarães**

Universidade Gama Filho (DEF) 3º and.  
Rua Manoel Vitorino, 533 – Piedade  
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20740-280  
e-mail: [guilocks@yahoo.com.br](mailto:guilocks@yahoo.com.br)

---